

SAÚDE MENTAL E SOCIOEMOCIONAL NO CONTEXTO ESCOLAR

MENTAL HEALTH AND SOCIOEMOTIONAL IN THE SCHOOL CONTEXT

Simone Alves Pessoa Frazão¹
Sérgio da Costa Durán²
Evany Dantas da Silva³
Rozineide Iraci Pereira da Silva⁴

RESUMO: Este estudo aborda a saúde mental e o desenvolvimento socioemocional no contexto escolar, com foco nas vivências de estudantes da educação básica. Teve como objetivo analisar de que forma a escola pode contribuir para o cuidado com a saúde mental e para o fortalecimento das competências socioemocionais dos alunos. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada na análise de livros, artigos científicos, monografias e outras produções acadêmicas disponíveis em bases de dados eletrônicos. Os resultados evidenciam que a escola desempenha papel relevante na promoção do bem-estar emocional, na prevenção de sofrimentos psíquicos e na construção de relações mais respeitadas e acolhedoras. Destacam-se, nesse processo, práticas pedagógicas pautadas na escuta, no diálogo e na convivência, bem como o fortalecimento da relação entre escola e família. Além disso, a formação de professores e o planejamento de ações institucionais voltadas ao cuidado emocional mostram-se fundamentais para a construção de um ambiente escolar mais saudável. Conclui-se que a valorização da saúde mental e da educação socioemocional constitui elemento essencial para a formação integral dos estudantes, contribuindo para sua permanência na escola e para seu desenvolvimento pleno.

Palavras-chave: Saúde mental. Educação socioemocional. Contexto escolar. Formação integral. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT: This study addresses mental health and socioemotional development in the school context, focusing on the experiences of basic education students. Its objective was to analyze how schools can contribute to mental health care and to the strengthening of students' socioemotional skills. Methodologically, it is a qualitative, bibliographic research based on the analysis of books, scientific articles, monographs, and other academic works available in electronic databases. The results show that schools play a relevant role in promoting emotional well-being, preventing psychological distress, and fostering more respectful and welcoming relationships. In this process, pedagogical practices based on listening, dialogue, and coexistence stand out, as well as the strengthening of the relationship between school and family. In addition, teacher training and the planning of institutional actions aimed at emotional care prove to be fundamental for building a healthier school environment. It is concluded that valuing mental health and socioemotional education is an essential element for the integral formation of students, contributing to their school retention and full development.

Keywords: Mental health. Socioemotional education. School context. Integral formation. Pedagogical practices.

¹Cursando o Mestrado pela Christian Business School-CBS. Formação em Licenciatura Plena em Pedagogia com habilitação em Supervisão Escolar -Universidade Federal de Rondônia. Especialista em Gestão Escolar e Psicopedagogia.

²Cursando o Mestrado pela Christian Business School-CBS. Formação em Pedagogia com a habilitação em series iniciais pela-Universidade Federal de Rondônia.Formação Superior de Licenciatura em História pelo Centro Universitário Internacional-UNINTER.Especialista em Gestão Escolar.

³Cursando o Mestrado pela Christian Business School-CBS. Formação em Pedagogia com a habilitação em series iniciais pela-Universidade Federal de Rondônia.Formação Superior de Licenciatura em Geografia pelo Centro Universitário Internacional-UNINTER.Formação Superior na segunda Licenciatura em História pela Faculdade Universitária EDUCA+.Pós-Graduação Lato Sensu em Ensino de Ciências e Matemática confere o título de ESPECIALISTA pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia IFRO.Pós-graduação, Lato Sensu, área do conhecimento Educação Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pela Instituição FASOUZA.

⁴Orientadora: Ph.D. Doutora em Ciências da Educação, Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Psicopedagoga, Pedagoga, Analista do Comportamento Aplicada, Especialista em Escrita Acadêmica Avançada, Professora do Ensino Superior e professora orientadora da Christian Business School-CBS.

I INTRODUÇÃO

A discussão sobre saúde mental e desenvolvimento socioemocional no espaço escolar tem ocupado lugar cada vez mais amplo nas reflexões educacionais, pois a escola participa da formação do sujeito em suas dimensões intelectuais, afetivas e sociais. Quando se observa o cotidiano de crianças e adolescentes, percebe-se que a aprendizagem não depende apenas do acesso aos conteúdos curriculares. Ela também está ligada à forma como o estudante lida com sentimentos, relações, conflitos, frustrações e experiências de convivência. Por esse motivo, pensar a escola como lugar de cuidado, acolhimento e escuta tornou-se uma necessidade no campo da educação.

A escola é um ambiente em que o aluno passa boa parte da vida, constrói vínculos, enfrenta desafios e desenvolve modos de compreender a si mesmo e ao outro. Nesse espaço, questões emocionais podem manifestar-se de diferentes formas, como medo, tristeza persistente, isolamento, irritação, baixa autoestima, dificuldade de interação e sofrimento diante de pressões internas e externas. Estudos recentes mostram que temas como automutilação, bullying, exposição digital prolongada, fragilidade nos vínculos e dificuldades de convivência interferem diretamente na experiência escolar e no rendimento dos estudantes.

Ao mesmo tempo, a produção acadêmica nacional tem demonstrado que a educação socioemocional pode contribuir para o desenvolvimento de competências relacionadas ao autocuidado, à empatia, ao respeito, à cooperação e à resolução de conflitos. Essas aprendizagens não substituem o ensino dos conteúdos formais, mas dialogam com ele e fortalecem a formação integral do estudante. Trabalhos voltados ao ensino de habilidades socioemocionais indicam que a escola pode favorecer relações mais equilibradas e um clima educacional mais acolhedor quando assume esse compromisso de forma planejada (MUTO, 2023).

Mesmo com essa compreensão mais ampla, ainda existem dificuldades para transformar esse debate em prática cotidiana. Em muitas realidades escolares, faltam preparo institucional, formação continuada, articulação com as famílias e ações permanentes voltadas ao cuidado emocional dos alunos. Há situações em que a saúde mental aparece apenas quando o problema já está instalado, o que fragiliza o trabalho preventivo. Pesquisas também apontam que professores e demais profissionais da escola nem sempre recebem apoio suficiente para lidar com demandas emocionais que surgem na rotina pedagógica (FARIA, 2024).

Diante dessa realidade, surge a seguinte questão norteadora: de que forma a escola pode contribuir para a promoção da saúde mental e para o fortalecimento do desenvolvimento

socioemocional dos estudantes no contexto escolar? A resposta a essa pergunta exige compreender que o trabalho educativo não se limita ao repasse de conhecimentos, mas envolve relações humanas, escuta sensível, mediação de conflitos, construção de pertencimento e criação de estratégias que favoreçam a permanência e o bem-estar dos alunos.

A relevância deste estudo está no fato de que cuidar da saúde mental no ambiente escolar não é uma tarefa secundária. Trata-se de uma demanda ligada ao direito à educação, ao desenvolvimento pleno e à qualidade das relações vividas no interior da escola. Quando a instituição reconhece essa responsabilidade, amplia suas possibilidades de atuação e fortalece práticas pedagógicas mais humanas. O vínculo entre família e escola também ocupa lugar importante nesse processo, já que a participação conjunta tende a favorecer o acompanhamento do estudante e a construção de respostas mais adequadas às suas necessidades (ROSA, 2024).

Do ponto de vista acadêmico, esta pesquisa contribui para reunir e organizar conhecimentos recentes sobre saúde mental e educação socioemocional, oferecendo base teórica para novas reflexões e futuras ações no campo educacional. O objetivo geral deste estudo foi analisar de que forma a escola pode contribuir para o cuidado com a saúde mental e para o desenvolvimento socioemocional dos estudantes. Como objetivos específicos, buscou-se identificar fatores escolares relacionados ao bem-estar emocional, compreender desafios presentes no cotidiano educacional e descrever práticas que favoreçam relações mais saudáveis no ambiente escolar.

A metodologia adotada consiste em revisão de literatura, de natureza qualitativa, com base em livros, artigos científicos, trabalhos acadêmicos e produções indexadas em bases de dados eletrônicas, com destaque para SciELO, Google Acadêmico e PubMed, contemplando estudos voltados à saúde mental, à educação socioemocional e ao contexto escolar.

2 SAÚDE MENTAL NO ESPAÇO ESCOLAR E SEUS IMPACTOS NA VIDA DO ESTUDANTE

A escola ocupa um lugar muito importante na vida de crianças e adolescentes, pois é nela que se formam hábitos, vínculos, memórias e referências para a convivência social. Quando a discussão se volta para a saúde mental, torna-se necessário compreender que o aluno não chega à sala de aula trazendo apenas caderno, uniforme e tarefas. Ele também leva medos, inseguranças, frustrações, alegrias, conflitos familiares, pressões do grupo e dúvidas próprias da idade. Tudo isso atravessa a experiência escolar e interfere no modo como aprende, participa e

se relaciona. Em razão disso, a saúde mental precisa ser observada como parte da vida escolar e não como assunto restrito a momentos de crise. O estudo de Bianchi mostra que a escola pode funcionar como espaço de reconhecimento dessas demandas, já que o cotidiano permite perceber sinais nem sempre visíveis em outros ambientes. Ao tratar da presença desse tema no contexto escolar, os autores reforçam a importância de olhar para a vida emocional infantojuvenil com atenção contínua, reconhecendo a escola como lugar de contato próximo com os estudantes e suas mudanças de comportamento (BIANCHI, 2024).

Quando o sofrimento emocional não encontra escuta, ele tende a aparecer de formas variadas no percurso escolar. Alguns estudantes passam a se mostrar apáticos, outros se tornam agressivos, muitos se isolam, e há aqueles que alternam momentos de intensa participação com períodos de retraimento e queda no rendimento. Em fases mais delicadas da adolescência, essas dores podem se expressar em comportamentos autolesivos, os quais não devem ser lidos apenas como atos individuais desconectados da vida social. A automutilação, nesse contexto, pede interpretação cuidadosa, sensível e responsável, pois envolve sofrimento acumulado, dificuldade de verbalização e necessidade de apoio qualificado. A revisão de Lara, Saraiva e Cossul chama atenção para a relação entre automutilação e vivência escolar, mostrando que a escola integra o universo relacional do adolescente e, por isso, precisa estar preparada para acolher, escutar e encaminhar. Ao se aproximar desse debate, a instituição deixa de reduzir o problema a disciplina ou indisciplina e passa a reconhecê-lo como expressão de dor que repercute diretamente no bem-estar e na permanência do estudante no processo educativo (LARA; SARAIVA; COSSUL, 2023).

Outro elemento que interfere fortemente na saúde emocional de crianças e adolescentes no ambiente escolar é o bullying. O que muitas vezes aparece como “brincadeira” ou “coisa da idade” pode se transformar em experiência de humilhação repetida, marcada por medo, vergonha e enfraquecimento da autoestima. O estudante alvo desse tipo de violência costuma perder a confiança no grupo, evita se expor, deixa de participar de atividades e passa a associar a escola a sofrimento. O problema não se encerra com advertências pontuais, porque ele nasce de relações deterioradas, omissão institucional e ausência de mediação qualificada. O trabalho de Mezzalira, Fernandes e Santos mostra que a psicologia escolar contribui para o enfrentamento desse problema quando atua de forma articulada com os demais profissionais da escola, ajudando a construir respostas educativas e coletivas. Essa leitura é importante porque desloca a atenção do ato isolado para a cultura escolar que permite ou interrompe práticas de

violência entre pares, fortalecendo o compromisso com relações mais respeitadas e protetivas dentro da instituição (MEZZALIRA; FERNANDES; SANTOS, 2021).

Também merece atenção o modo como crianças e adolescentes têm vivido o tempo livre, a comunicação e a própria experiência de presença, já que o uso intenso de telas passou a ocupar grande parte da rotina diária. O acesso constante a dispositivos digitais modifica hábitos de sono, formas de lazer, contato com o outro e tempo de dedicação ao estudo. Em muitos casos, o excesso de exposição digital vem acompanhado de irritabilidade, dispersão, impaciência, redução da convivência presencial e dificuldade para sustentar concentração em tarefas mais longas. Isso não significa demonizar a tecnologia, mas reconhecer que seu uso sem equilíbrio pode repercutir no humor e no funcionamento cotidiano do estudante. Faria discute justamente “a influência na saúde mental de crianças e adolescentes”, mostrando que o tempo de tela precisa ser tratado como questão educativa e relacional, que pede orientação da escola e diálogo com a família sobre limites, rotina e cuidado com o uso dos dispositivos no dia a dia (FARIA, 2024).

Ao lado dessas dificuldades, cresce a compreensão de que a escola pode favorecer caminhos de prevenção e fortalecimento emocional quando cria práticas permanentes de cuidado. Não se trata apenas de intervir quando o sofrimento já tomou proporções graves, mas de construir um cotidiano em que os estudantes encontrem espaço para falar, ser ouvidos e participar de experiências de convivência mais saudáveis. É nesse ponto que as ações de promoção em saúde mental ganham destaque. No estudo de Silva e Cruz, o trabalho desenvolvido em Parintins/Amazonas mostra a relevância de iniciativas que se aproximam da realidade dos adolescentes e valorizam formas coletivas de escuta. As autoras descrevem a “construção de rodas interativas, ou seja, espaços circulares de acolhimento, formação e prevenção”, o que revela um modo de atuação escolar voltado ao diálogo, à participação e ao cuidado partilhado. Esse tipo de proposta reforça a ideia de que a saúde mental pode ser tratada na escola de forma educativa, sensível e integrada à vida dos estudantes, sem reduzir a instituição a um espaço apenas de cobrança por resultados (SILVA; CRUZ, 2024).

Nessa mesma direção, a educação socioemocional aparece como caminho importante para ampliar a compreensão da escola sobre desenvolvimento integral. Trabalhar emoções, empatia, autocontrole, cooperação e resolução de conflitos não significa abandonar os conteúdos curriculares. Significa reconhecer que o aprendizado se fortalece quando o aluno desenvolve recursos para lidar consigo mesmo e com o outro. A revisão de Muto e Galvani reforça essa perspectiva ao afirmar que, com diferentes estratégias e materiais, “é possível ensinar

habilidades socioemocionais para estudantes de qualquer idade”. A força dessa ideia está no fato de que ela retira o tema do campo do imprevisto e o coloca no campo da ação pedagógica planejada. Se essas habilidades podem ser ensinadas, então a escola pode organizar tempos, práticas e experiências para desenvolvê-las de forma intencional, respeitando a faixa etária dos alunos e as necessidades do grupo. Isso amplia o olhar sobre o papel da instituição e ajuda a compreender que saúde mental e aprendizagem caminham de forma interligada no cotidiano educacional (MUTO; GALVANI, 2023).

Quando se analisa a relação entre educação socioemocional e aprendizagem, percebe-se que o clima escolar tem grande influência sobre a forma como o estudante se posiciona diante do conhecimento. Um aluno que se sente acolhido, respeitado e pertencente ao grupo tende a se envolver mais com as atividades, pedir ajuda quando necessário e lidar melhor com erros e desafios. Já um ambiente marcado por medo, exposição constante ou indiferença fragiliza a participação e alimenta inseguranças. O estudo de Gonçalves mostra que o desenvolvimento socioemocional se relaciona ao processo de aprendizagem e não pode ser tratado como conteúdo periférico. Ao olhar para o cotidiano escolar, as autoras destacam a necessidade de práticas educativas que valorizem o convívio, a escuta e o fortalecimento de vínculos. Essa discussão ajuda a perceber que o estudante aprende melhor quando encontra na escola um espaço em que sua presença é reconhecida de forma humana, e não apenas medida por desempenho ou silêncio em sala de aula (GONÇALVES, 2024).

6

Outro ponto essencial está na participação da família e na qualidade da relação que ela estabelece com a escola. O cuidado com a saúde mental do estudante não pode ser pensado como responsabilidade isolada da instituição escolar, assim como não deve ser lançado unicamente sobre a família. Crianças e adolescentes se desenvolvem na articulação entre esses espaços, e é dessa relação que podem surgir respostas mais cuidadosas para dificuldades emocionais, problemas de convivência e mudanças de comportamento. Quando escola e família se aproximam por meio do diálogo, o acompanhamento do aluno tende a ganhar mais consistência. O estudo de Rosa, Magalhães e Silveira mostra que o envolvimento família-escola repercute na educação básica e ajuda a sustentar o processo de desenvolvimento do estudante. Essa aproximação não elimina conflitos, mas cria condições mais favoráveis para compreender necessidades, acompanhar trajetórias e construir estratégias conjuntas de apoio, sobretudo quando o aluno vive momentos de maior fragilidade emocional (ROSA; MAGALHÃES; SILVEIRA, 2024).

Por essa razão, pensar saúde mental no espaço escolar exige mais do que boa intenção ou respostas improvisadas. Exige formação dos profissionais, escuta cuidadosa, observação do cotidiano, diálogo com as famílias e abertura para práticas preventivas que valorizem a convivência e o desenvolvimento socioemocional. A escola não substitui atendimento clínico quando este se faz necessário, mas pode ser ponto decisivo de acolhimento, reconhecimento e encaminhamento. Quando a instituição assume esse compromisso, amplia seu papel formativo e passa a contribuir de forma mais profunda para a vida de crianças e adolescentes. Em vez de enxergar o sofrimento apenas quando ele explode em conflito, a escola pode agir antes, criando vínculos mais consistentes, espaços de fala e estratégias pedagógicas que favoreçam equilíbrio emocional e pertencimento. Assim, o debate sobre saúde mental deixa de ocupar um lugar secundário e passa a integrar a própria compreensão do que significa educar de maneira comprometida com a formação humana (FARIA; RODRIGUES, 2024).

3 EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL COMO CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

A educação socioemocional vem sendo debatida com mais força porque a escola passou a reconhecer, de modo mais claro, que a formação do estudante não depende apenas do domínio de conteúdos curriculares. A aprendizagem envolve emoções, relações, confiança, escuta, convivência e formas de responder às dificuldades do dia a dia. Uma criança ou um adolescente que não consegue lidar com frustração, medo, insegurança ou conflito relacional pode apresentar barreiras no processo de aprender, mesmo quando possui capacidade intelectual para acompanhar as atividades propostas. Por esse motivo, a educação socioemocional ocupa um lugar importante na formação integral, já que busca fortalecer competências ligadas ao autocontrole, à empatia, à cooperação, à responsabilidade e à convivência respeitosa. Ao revisar a literatura da área, Muto e Galvani mostram que o ensino dessas habilidades pode ser realizado em diferentes fases da escolarização, o que reforça a possibilidade de integrá-las ao trabalho pedagógico sem perder de vista os objetivos educacionais da escola (MUTO; GALVANI, 2023).

Quando a escola assume essa perspectiva, ela passa a enxergar o estudante em sua inteireza. Isso muda a forma de organizar a rotina, o planejamento, a escuta e até a relação entre professor e turma. O aluno deixa de ser visto apenas por sua nota, por seu comportamento imediato ou por sua capacidade de responder corretamente às tarefas. Passa a ser reconhecido também em sua forma de sentir, de interagir, de construir vínculos e de reagir às exigências do

cotidiano escolar. Tal deslocamento é importante porque muitas dificuldades classificadas como falta de interesse, preguiça ou desatenção escondem inseguranças, conflitos internos e problemas de convivência que precisam ser compreendidos com mais cuidado. A educação socioemocional, nessa leitura, não aparece como atividade paralela, mas como eixo que dialoga com a experiência real do estudante e amplia as condições de aprendizagem na escola (OLIVEIRA; NOBRE; OLIVEIRA, 2023).

A relação entre desenvolvimento socioemocional e aprendizagem não é abstrata. Ela aparece concretamente no cotidiano da escola, na forma como o aluno participa das aulas, pede ajuda, lida com críticas, interage com o grupo e persevera diante de desafios. Um estudante que consegue administrar melhor suas emoções tende a enfrentar as tarefas com menos bloqueios, mesmo quando encontra dificuldade. Já aquele que vive medo constante de errar, vergonha de se expor ou sensação de fracasso pode se afastar do processo de aprendizagem, ainda que tenha potencial para avançar. O clima escolar também pesa nesse movimento. Um ambiente em que há acolhimento, respeito e abertura para o diálogo favorece maior participação. Em estudo de caso, Gonçalves, Almeida, Paula, Souza, Aranha e Santos destacam que a colaboração entre escola e família ajuda a compor um espaço favorável ao crescimento cognitivo e emocional, mostrando que as relações de apoio são parte do desenvolvimento do estudante e repercutem diretamente em sua trajetória escolar (GONÇALVES; ALMEIDA; PAULA; SOUZA; ARANHA; SANTOS, 2024).

Outro ponto importante é que a educação socioemocional não pode ser confundida com ações esporádicas, como uma palestra isolada, uma atividade pontual em datas comemorativas ou uma conversa ocasional quando surge algum conflito. Para produzir efeitos reais, ela precisa aparecer de forma contínua no projeto pedagógico, nas práticas de sala de aula, na mediação dos conflitos e na maneira como os profissionais se relacionam com os alunos. Isso exige coerência entre discurso e prática. Não basta defender empatia em cartazes se o ambiente escolar reforça humilhações; não basta falar em escuta se os estudantes não têm espaço real de fala; não basta valorizar convivência se os conflitos são tratados apenas com punição. A educação socioemocional ganha força quando se torna parte da cultura da escola, orientando escolhas diárias e ajudando a construir relações mais humanas e mais respeitadas (RAMALHO, 2025).

Esse entendimento também amplia a noção de desenvolvimento integral. Formar integralmente não significa apenas oferecer muitas disciplinas ou acrescentar projetos ao currículo. Significa cuidar do crescimento intelectual, social, emocional e ético do estudante,

reconhecendo que esses elementos se entrelaçam. A escola contribui para essa formação quando favorece experiências de diálogo, reflexão, partilha, autonomia e cooperação. Nessas experiências, o aluno aprende a escutar opiniões diferentes, administrar frustrações, assumir responsabilidades e respeitar limites coletivos. Tais competências não surgem de forma espontânea em todos os contextos. Em muitos casos, precisam ser ensinadas, exercitadas e retomadas em situações reais de convivência. Ao discutir o impacto da educação socioemocional no desenvolvimento dos alunos, Rezende, Silva, Figueirôa, Figueirôa, Cruz e Brandão mostram que esse trabalho amplia as possibilidades formativas da escola e contribui para a construção de sujeitos mais preparados para a vida em grupo e para as exigências da vida social (REZENDE; SILVA; FIGUEIRÔA; FIGUEIRÔA; CRUZ; BRANDÃO, 2024).

No ambiente escolar, a dimensão socioemocional também se relaciona à autonomia. Um estudante autônomo não é apenas aquele que realiza tarefas sozinho, mas aquele que aprende a compreender suas emoções, reconhecer limites, fazer escolhas e assumir consequências. Esse tipo de aprendizagem se constrói em interações diárias, no modo como a escola lida com erros, orienta comportamentos e valoriza o protagonismo estudantil. Quando o aluno participa de decisões possíveis, percebe que sua voz tem valor e que ele pode contribuir para a vida coletiva. Isso fortalece pertencimento e responsabilidade. A escola que acolhe essa proposta deixa de tratar o estudante como sujeito passivo do processo educativo e passa a reconhecê-lo como participante ativo de sua formação, o que favorece amadurecimento relacional e maior envolvimento com a aprendizagem (OLIVEIRA; NOBRE; OLIVEIRA, 2023).

Há ainda um ponto muito relevante ligado ao cuidado com as diferenças. A educação socioemocional pode ajudar a escola a criar ambientes mais respeitosos quando trabalha empatia, convivência, escuta e reconhecimento do outro. Em um tempo em que conflitos, agressões verbais, exclusões e discursos de intolerância atravessam os espaços sociais, a escola precisa fortalecer práticas que ensinem modos de coexistência mais responsáveis. O aluno aprende não apenas com o que o professor diz, mas também com o modo como os adultos da escola lidam com divergências, injustiças e situações de desrespeito. Dessa forma, o desenvolvimento socioemocional também tem dimensão ética. Ele favorece a construção de relações menos violentas e amplia a compreensão de que viver em grupo exige cuidado com a palavra, com o limite e com a dignidade do outro (MUTO; GALVANI, 2023).

A mediação de conflitos é um campo em que esse trabalho se mostra bastante necessário. Muitos desentendimentos entre estudantes não dizem respeito apenas a regras descumpridas,

mas a dificuldades de lidar com frustração, ciúme, rejeição, impulsividade e necessidade de aceitação pelo grupo. Quando a escola trata esses episódios apenas como problema disciplinar, perde a oportunidade de transformá-los em experiência de aprendizagem relacional. Isso não significa relativizar agressões, mas compreendê-las de modo mais amplo. A educação socioemocional ajuda a escola a sair da resposta automática e a construir intervenções que ensinem modos mais saudáveis de lidar com tensão e diferença. Ao valorizar escuta, argumentação, responsabilidade e respeito, a instituição cria condições para que o aluno aprenda, pouco a pouco, a conviver de forma menos reativa e mais consciente (REZENDE; SILVA; FIGUEIRÔA; FIGUEIRÔA; CRUZ; BRANDÃO, 2024).

A docência ocupa papel central nesse processo. O professor está em contato direto com os estudantes e participa intensamente da construção do clima da sala de aula. Sua escuta, sua forma de corrigir, seu olhar diante do erro e sua capacidade de mediação influenciam o modo como os alunos se sentem naquele espaço. Por essa razão, a educação socioemocional não pode ser lançada sobre os docentes como exigência vaga ou responsabilidade individual isolada. O professor precisa de formação, tempo de reflexão e apoio institucional para integrar essa dimensão ao trabalho pedagógico. Ao discutir a formação socioemocional na docência, Silva e Silva mostram que esse debate atravessa o fazer docente na educação básica, já que ensinar envolve lidar com relações humanas, tensões cotidianas e necessidades diversas presentes no interior da escola (SILVA; SILVA, 2021).

A formação docente, nesse campo, precisa ir além da apresentação de conceitos. É necessário criar espaços em que o professor possa refletir sobre sua prática, compartilhar dificuldades, analisar situações reais e desenvolver estratégias de mediação adequadas ao cotidiano escolar. Muitos educadores percebem o sofrimento emocional dos alunos, mas sentem insegurança sobre como agir, quando acolher, quando encaminhar e como proteger a turma sem expor ninguém. Sem esse suporte, a educação socioemocional corre o risco de se tornar discurso vazio ou mais uma cobrança sobre profissionais já sobrecarregados. Quando a formação é tratada com seriedade, o educador ganha maior clareza sobre sua função e encontra melhores condições para contribuir com o desenvolvimento integral do estudante de forma ética e realista (SILVA; SILVA; LÔBO; ZATTI; FERREIRA, 2024).

Também é preciso reconhecer que o professor não educa sozinho. O trabalho socioemocional pede articulação com a equipe gestora, com os demais profissionais da escola e com as famílias. A coerência institucional é decisiva para que o aluno perceba que o cuidado

com a convivência e com a saúde emocional não depende apenas da sensibilidade de um professor específico. Quando a escola toda compartilha princípios comuns, as intervenções se tornam mais consistentes. Regras de convivência, formas de acolhimento, escuta de conflitos, projetos coletivos e ações preventivas ganham mais força quando são assumidos como compromisso institucional. Essa visão amplia a efetividade do trabalho e evita que a educação socioemocional fique restrita a experiências isoladas dentro da rotina escolar (RAMALHO, 2025).

Outro cuidado necessário é não transformar a educação socioemocional em pacote pronto de técnicas ou em fórmula de controle comportamental. Seu valor pedagógico está em favorecer formação humana, convivência, reflexão e autonomia, e não em padronizar emoções ou exigir dos estudantes uma espécie de positividade forçada. Crianças e adolescentes sentem medo, tristeza, raiva, frustração e insegurança. O objetivo da escola não é eliminar essas experiências, mas ajudá-los a compreendê-las, expressá-las de forma saudável e lidar com elas sem violência contra si ou contra o outro. Essa perspectiva exige uma escola aberta ao diálogo e à complexidade da vida humana, capaz de acolher fragilidades sem moralismo ou simplificação. O desenvolvimento socioemocional, quando tratado com responsabilidade, aproxima a educação da vida real e fortalece uma formação mais atenta às necessidades concretas dos estudantes (GONÇALVES; ALMEIDA; PAULA; SOUZA; ARANHA; SANTOS, 2024).

4 AÇÕES ESCOLARES, FORMAÇÃO DOCENTE E PARCERIA COM AS FAMÍLIAS

Se a saúde mental e o desenvolvimento socioemocional fazem parte da experiência escolar, a escola precisa organizar respostas concretas para lidar com esse desafio. Isso inclui ações de prevenção, acolhimento, escuta e acompanhamento, sempre de acordo com os limites e as responsabilidades de uma instituição de ensino. Não cabe à escola substituir o atendimento clínico quando ele se faz necessário, mas cabe a ela reconhecer sinais, abrir espaços de diálogo, acionar redes de apoio e criar um ambiente mais protetivo. Experiências extensionistas realizadas em contexto escolar mostram que o trabalho com saúde mental pode ganhar força quando a comunidade educativa participa ativamente do processo. Em estudo realizado em Parintins, Faria e Rodrigues defendem a importância de ações desenvolvidas no interior da escola e voltadas ao cuidado com a vida emocional dos estudantes, evidenciando que esse tipo de iniciativa amplia a escuta e fortalece o vínculo entre educação e promoção do bem-estar (FARIA; RODRIGUES, 2024).

Para que isso ocorra de forma consistente, a formação dos professores precisa ser tratada como parte central do processo. Muitos educadores reconhecem a presença de demandas emocionais em sala de aula, mas nem sempre se sentem preparados para lidar com elas. Em alguns casos, o professor percebe o sofrimento do aluno, mas não sabe como acolher sem ultrapassar sua função. Em outros, a rotina intensa e a falta de apoio institucional dificultam qualquer ação mais continuada. A formação continuada, nesse sentido, não serve apenas para apresentar conceitos, mas para desenvolver repertório prático, escuta profissional e capacidade de mediação. Silva, Silva, Lôbo, Zatti e Ferreira discutem a formação de professores para a educação socioemocional e mostram que esse processo é parte indispensável de uma escola que deseja integrar cuidado emocional e trabalho pedagógico de maneira responsável (SILVA; SILVA; LÔBO; ZATTI; FERREIRA, 2024).

A participação da família também precisa ser considerada com cuidado, porque o desenvolvimento do estudante não acontece em espaços isolados. Quando escola e família mantêm diálogo respeitoso e objetivos comuns, aumentam as chances de perceber dificuldades cedo, acompanhar mudanças de comportamento e construir respostas mais adequadas às necessidades da criança ou do adolescente. Isso não significa transferir responsabilidades de um lado para o outro, mas reconhecer que o vínculo entre essas duas instâncias pode favorecer a trajetória escolar. Pesquisas sobre o envolvimento família-escola mostram que essa aproximação repercute no desempenho, na participação e no modo como o aluno se sente pertencente ao ambiente educacional. Rosa, Magalhães e Silveira destacam justamente as implicações dessa relação para a educação básica, permitindo entender que o cuidado com a saúde emocional também se fortalece quando há comunicação e corresponsabilidade entre os adultos que acompanham o estudante (ROSA; MAGALHÃES; SILVEIRA, 2024).

Cabe lembrar que a escola, ao trabalhar com saúde mental e educação socioemocional, não deve atuar apenas em momentos de crise. O cuidado preventivo precisa fazer parte da rotina. Isso pode ocorrer por meio de projetos de convivência, rodas de conversa, mediação de conflitos, escuta individual quando necessária, práticas de acolhimento no início do ano letivo, observação atenta de mudanças de comportamento e articulação com serviços de saúde e assistência social quando houver necessidade. O valor dessas ações está no fato de que elas ajudam a construir uma cultura escolar mais sensível às dores e necessidades dos estudantes. Na percepção de enfermeiros que observam a saúde mental infantojuvenil nas escolas, o espaço escolar pode atuar como ponto de reconhecimento de demandas e de proteção, desde que haja

articulação entre profissionais e compromisso com o cuidado integral do aluno (BIANCHI; SINIAK; VELOZO; SOUZA; BORGES, 2024).

Esse trabalho exige também que a escola repense a própria ideia de sucesso escolar. Um aluno que consegue pedir ajuda, que aprende a conviver com o outro, que desenvolve respeito, responsabilidade e autocontrole, também está aprendendo. Muitas vezes, o fracasso de certas intervenções ocorre porque o foco permanece restrito ao conteúdo acadêmico, sem atenção à vida concreta de quem aprende. A educação socioemocional oferece outra chave de leitura para esse problema, pois mostra que a aprendizagem escolar se fortalece quando o aluno encontra apoio relacional e emocional. Ao discutir o ensino dessas habilidades, Muto e Galvani lembram que diferentes procedimentos e materiais podem ser usados na escola para favorecer esse desenvolvimento, o que demonstra que há caminhos pedagógicos possíveis e variados para integrar esse trabalho ao cotidiano escolar sem descaracterizar a função educativa da instituição (MUTO; GALVANI, 2023).

Em sentido mais amplo, falar de saúde mental e de desenvolvimento socioemocional no contexto escolar é defender uma escola comprometida com a formação humana. Isso envolve cuidado com as relações, atenção às dores silenciadas, valorização da escuta e responsabilidade diante das vulnerabilidades vividas pelos estudantes. Não se trata de ampliar de modo vazio o discurso da escola acolhedora, mas de construir práticas concretas, sustentadas por estudo, planejamento e compromisso ético. A produção nacional recente ajuda a mostrar que esse caminho já está sendo debatido em diferentes frentes, com pesquisas sobre automutilação, bullying, formação docente, vínculo com a família, tempo de tela e intervenções pedagógicas voltadas ao bem-estar. A reunião desses estudos reforça a compreensão de que cuidar da saúde mental no espaço escolar é parte do próprio trabalho educativo, e não uma tarefa paralela ou secundária (LARA; SARAIVA; COSSUL, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou compreender, de maneira mais aprofundada, que a saúde mental e o desenvolvimento socioemocional ocupam um lugar central no contexto escolar. Não se trata apenas de aspectos periféricos, mas de dimensões que atravessam diretamente a aprendizagem, a convivência e os modos como os estudantes constroem suas relações seja com a escola, com os colegas ou consigo mesmos. A partir dessa constatação, torna-se difícil sustentar uma visão

de escola restrita à transmissão de conteúdos, uma vez que o cotidiano escolar revela demandas que extrapolam o campo cognitivo.

Ao longo da investigação, foi possível perceber que, quando a escola se reconhece também como espaço de acolhimento, escuta e formação humana, ela amplia significativamente o alcance de sua função social. Esse movimento, no entanto, não ocorre de forma automática. Exige intencionalidade, revisão de práticas e, sobretudo, uma disposição institucional para reconhecer o estudante em sua integralidade. Nessa perspectiva, entende-se que promover condições para o desenvolvimento integral não é um complemento, mas parte constitutiva do fazer educativo.

A análise da literatura evidenciou que muitas das dificuldades vivenciadas por crianças e adolescentes emergem no cotidiano escolar. Ansiedade, isolamento, conflitos nas relações interpessoais, sofrimento emocional, uso excessivo de telas, situações de violência entre pares e até práticas autolesivas aparecem, com frequência, no ambiente escolar. Tais manifestações não apenas interferem no rendimento acadêmico, mas também fragilizam o vínculo com a escola e, em casos mais críticos, comprometem a permanência do estudante no processo educativo. Diante disso, parece pouco consistente tratar a saúde mental como uma questão secundária ou externa à escola.

Nesse sentido, ganha força a compreensão de que a atenção à saúde mental deve ser incorporada às ações institucionais e às práticas pedagógicas, atravessando as relações que se estabelecem no interior da escola. Trata-se, portanto, de um compromisso coletivo, que envolve não apenas professores, mas toda a comunidade escolar.

Outro aspecto relevante diz respeito à educação socioemocional, que se mostra potente na construção de competências como empatia, autocontrole, cooperação, respeito e capacidade de resolução de conflitos. Tais aprendizagens, embora muitas vezes invisibilizadas nos currículos tradicionais, têm impacto direto na qualidade da vida coletiva e na forma como os estudantes enfrentam os desafios próprios da infância e da adolescência. Ainda assim, cabe destacar que a implementação dessas práticas demanda mais do que iniciativas pontuais ou projetos isolados.

Para que esse trabalho se consolide, torna-se fundamental investir na formação continuada dos professores, fortalecendo sua capacidade de lidar com questões emocionais no contexto pedagógico. Além disso, o diálogo com as famílias e a construção de estratégias permanentes de cuidado e prevenção aparecem como elementos indispensáveis. Sem esse

conjunto articulado de ações, há o risco de que a educação socioemocional se reduza a discursos bem-intencionados, mas pouco efetivos na prática.

Dessa forma, entende-se que promover a saúde mental no espaço escolar está diretamente relacionado ao próprio sentido da educação. Uma escola que escuta, orienta, acolhe e constrói vínculos mais saudáveis não apenas favorece o desempenho acadêmico, mas contribui, de maneira mais ampla, para a formação de sujeitos críticos, conscientes e socialmente participativos.

Por fim, este estudo não pretende encerrar o debate, mas, ao contrário, abrir caminhos para novas reflexões. Considera-se que ainda há muito a ser investigado, especialmente no que se refere às condições concretas de implementação dessas propostas nas diferentes realidades escolares. Espera-se, portanto, que este trabalho possa incentivar práticas educativas mais sensíveis às dimensões emocionais e relacionais dos estudantes, contribuindo para a construção de uma escola mais humana, mais atenta e, sobretudo, mais coerente com as demandas do seu tempo.

REFERÊNCIAS

BIANCHI B, et al. Saúde mental infantojuvenil nas escolas: percepção de enfermeiros. *Cogitare Enfermagem*, 2024; 29: e93185.

15

FARIA APRC, et al. Tempo de tela e a influência na saúde mental de crianças e adolescentes. *Cadernos Pedagógicos*, 2024; 21(6).

FARIA NC, RODRIGUES MC. Importância de ações de saúde mental na escola: tessituras de um projeto de extensão em Parintins/Amazonas. *Revista Macambira*, 2024; 8(1).

GONÇALVES AP, et al. A importância da educação socioemocional no processo de aprendizagem: um estudo de caso. *Ciência Atual – Revista Científica Multidisciplinar da UniSãoJosé*, 2024; 2.

LARA G, SARAIVA ES, COSSUL D. Automutilação na adolescência e vivência escolar: uma revisão integrativa da literatura. *Educação e Pesquisa*, 2023; 49: e249711.

MEZZALIRA ASC, et al. Os desafios e as estratégias da psicologia escolar no enfrentamento do bullying. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2021; 25: e237016.

MUTO JHD, GALVANI MD. O ensino das habilidades socioemocionais na escola: uma revisão de literatura. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 2023; 18.

OLIVEIRA ID, et al. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais e a educação. In: *Anais do CONEDU*, 2023.

RAMALHO MGS. A educação socioemocional e suas contribuições para o desenvolvimento dos(as) estudantes: um mapeamento na literatura nacional. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas, 2025.

REZENDE GUM, et al. O impacto da educação socioemocional no desenvolvimento dos alunos. Cuadernos de Educación y Desarrollo, 2024; 16(10).

ROSA T, et al. Envolvimento família-escola e suas implicações no desempenho escolar na educação básica. Psicologia Escolar e Educacional, 2024; 28.

SANTOS EA, et al. Psicologia escolar e automutilação na adolescência: relato de uma intervenção. Psicologia Escolar e Educacional, 2021; 25: e225761.

SILVA ACT, et al. Formação de professores para educação socioemocional. Ilustração, 2024; 5(7).

SILVA EG, SILVA TL. Formação socioemocional: olhares para a docência na educação básica. Revista Devir Educação, 2021; 5(1): 81-94.

SILVA FPA, CRUZ DR. Importância de ações de saúde mental na escola: tessituras de um projeto de extensão em Parintins/Amazonas. Revista Macambira, 2024; 8(1).